

2º Domingo do Advento (Ano B)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 40: 1-11

Este texto corresponde à segunda parte do livro de Isaías chamado, Dêutero-Isaías, ou "Livro da Consolação" nome que se origina nesta passagem: "*Consolai, consolai o meu povo, diz vosso Deus*" (v.1 - Bíblia de Jerusalém).

O Livro da Consolação foi elaborado no fim do Exílio Babilônico por uma comunidade de discípulos do profeta Isaías (que deixou de profetizar mais de 100 anos antes do Exílio). Esta gente que ainda estava exilada vislumbrava as mudanças políticas que permitiriam seu retorno à terra de Israel.

"Uma voz clama: no deserto abri um caminho para o SENHOR..." (v.3a) - Os sinais de mudança que apontavam para a queda do Império Babilônico e a ascensão do novo império persa foram vistos por esta comunidade como sinais de Deus que indicavam o fim do sofrimento dos cidadãos e cidadãs exilados.

"sua iniquidade esta expiada..." (v.2b) - Por isso diante do quadro político que aponta para a mudança de rumos não excitam em anunciar que o tempo da opressão esta no fim, que os males da injustiça terminaram e que todos os obstáculos serão retirados.

O deserto era a barreira entre a fértil Babilônia e a terra de Israel. No entanto era certo para a comunidade do Livro da Consolação de que esta não seria uma barreira intransponível para Deus (v.3). Enquanto, nos tempos do Exílio, a esperança da comunidade é vista através da ação do Imperador da Pérsia (chamado de messias em Is 45:1), nos Evangelhos esta esperança é anunciada por João Batista (outra figura histórica) que prepara a ação histórica do Messias definitivo: Jesus Cristo. No caso do Evangelho de Marcos, diferente de Mateus e Lucas, ilustra-se o papel de aquele que prepara o povo para a vinda do Messias unindo a citação de Malaquias 3:1 e de Isaías 40:3, ficando assim: *"eis que envio o meu mensageiro diante de ti, afim de preparar o teu caminho"* (Mt 3:1)

"voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas" (Is 40:3 - (BJ)

Não se trata então de uma consolação vazia que emerge da mera aceitação da desgraça como "vontade de Deus". Não se trata de uma esperança ingênua que busca entender a ação libertadora de Deus sem olhar para história e para a política. A consolação e a esperança neste texto, e no seu tratamento no Novo Testamento, são uma expressão da alegria de que, mesmo ainda vivendo tempos de sofrimento, existem sinais de que Deus não se esqueceu do seu povo (como diz 2 Pedro 3:9 "o Senhor não tarda em cumprir sua promessa"). Deus estava, e sempre estará, promovendo mudanças históricas e políticas capazes de restaurar a alegria do seu povo carregando-o como um pastor que apascenta seu rebanho (Is 40: 11). (HMG)

2ª leitura (Epístola): 2 Pedro 3.8-15ª, 18

O recorte da Carta põe em foco a demora da chegada (parusia) final de Jesus Cristo e suas implicações. A demora foi um problema da Igreja do Novo Testamento. Acrescido a isso, a Igreja, à qual o autor se dirige em carta, enfrenta certa zombaria por parte dos mestres, cuja visão da divindade é a de Deus que não entra nos afazeres humanos e não os acompanha e tudo fica no mesmo. É uma espécie de Deus, a quem não adianta orar: "pela operação eficaz da tua providência, leva a cabo em tranqüilidade o plano da salvação" (Coleta do Ordinal). "Não deu em nada a promessa de sua Vinda?" (vs. 4, Pastoral).

Em resposta a essa questão premente, o autor busca no Salmo 90.4 ("mil anos, aos teus olhos, são como dia de ontem que se foi"), a limitação do pressuposto do conhecimento absoluto do tempo por parte de quem nega a parusia. Para Deus, o sentido do tempo é outro. A demora expressa a paciência de Deus, (ver Ex 34.6-7) e sua paciência é uma forma da graça no sentido de oportunidade para o arrependimento e emenda de vida para todos, isto é, que ninguém pereça.

O tempo que nos é dado é tempo para construir e reconstruir a convivência humana, ambiente humano marcado pela santidade, justiça e paz (vs. 11, 14). Então, é o tempo da missão.

A chegada final de Jesus Cristo é expressa pelo autor da Carta através de figuras apocalípticas, por exemplo, como o abalo e a decomposição da ordem das coisas e surgimento dos "novos céus e da nova terra". Esse cenário é visto sem medo e para além dos mesmos se vê a nova criação. E a nova criação vem com surpresa como a metáfora do ladrão da noite. E a carta termina com uma exortação no sentido de crescimento na graça e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo e com uma doxologia.

A visão da dissolução da presente ordem corrupta, como via o autor, nos sugere a construção e reconstrução do relacionamento de amor, justiça, e esperança incluem, também, o meio ambiente, e têm dimensão global e local.

Conforme o teor da Carta e da Coleta do Dia (LOC p.111) é hora de dar ouvido à mensagem de esperança, e proclamar às cidades: "não temas,... eis ai está o vosso Deus" (Is 40.9 ARA, mensagem associada com arrependimento, com a nova mentalidade sugerida pelos profetas. É a hora de re-apropriar a mensagem deles, não os deixando como se ficassem lá no passado, como se tudo andasse apenas linearmente. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 1.1-8

O povo de Deus sempre teve os olhos fixos no futuro, com esperança na vinda definitiva do Senhor (Isaiás). No entanto, vamos caminhando pensosamente e parece que a promessa não se cumpre (Carta de Pedro).

O Evangelho, proclamado no contexto da assembléia litúrgica, se faz anúncio para abrir nossos olhos: João Batista é o profeta que proclama a iminência da vinda do Senhor. O profeta Malaquias anunciava essa vinda para o fim dos tempos (Ml 3, 1-5.23). Marcos nos chama a olhar em torno e enxergar dentro de nossa história a vinda de Deus: João é o novo Elias (1Rs 1, 8), isto é, a profecia que volta a ser proclamada, o povo se reúne e se organiza para recomeçar como nos tempos do "deserto", os poderosos se abalam por se

sentirem desmascarados (Mt 3, 7). Em Jesus de Nazaré, é Deus mesmo quem opera a restauração das pessoas.

É verdade, assim como se deu com Elias, João será perseguido e morto covardemente, mas a Palavra ressurgirá em Jesus (Mc 1, 14-15; 6, 16). Também Jesus será perseguido e assassinado, mas a caminhada da Palavra prosseguirá com Seus discípulos e discípulas, conosco, Ele é só o "princípio" (vs. 1).

Ouvir de Elias, de João, de Jesus... é ouvir falar da sempre renovada ousadia de Deus, a ousadia da liberdade, que não aceita calar-se nunca, nem teme os poderosos do mundo. Sempre de novo a Palavra ressurgiu para anunciar que são possíveis "novos céus e nova terra" (2Pd 3, 13; Mc 1, 9-13; 9, 2-13). A Palavra volta a levantar-se para denunciar os obstáculos que se antepõem ao propósito de Deus, e proclamar que só há uma maneira de viver nessa nova realidade: "endireitar" os caminhos, reconhecer os erros pessoais e coletivos, refazer as relações pelo perdão, a igualdade e a partilha (v5; Lc 3, 10-14). Aí, sim, o "deserto" se transformará em larga estrada, em jardim do Senhor.

O deserto era o lugar onde freqüentemente se refugiava quem se sentia à margem do sistema e se punha na oposição. Por isso, lá estavam os essênios, espécie de fraternidade religiosa que rompera com o templo e se considerava vanguarda do novo povo. Para lá se dirigia quem se proclamava profeta ou messias e pretendia organizar a resistência popular. Por lá andavam guerrilheiros (sicários, zelotas) e bandidos. O movimento de João é de protesto e resistência, por isso foi preso e morto. Herodes o temia.

Batismos e abluções eram rituais costumeiros, no ambiente dos fariseus e dos essênios. Os gentios, por exemplo, que aderiam à fé no Deus de Israel eram batizados. No movimento de João já não são os sacrifícios que purificam do pecado, mas a confissão e o arrependimento, a mudança de vida. O povo já não peregrina em direção ao templo, mas sai das cidades, como num êxodo, em direção ao deserto. É como se fosse preciso sair de novo do Egito, "a casa da servidão". E pelo Jordão entrar na Terra Prometida.

Sob a expressão "remissão dos pecados" está escondida a antiga esperança da "remissão das dívidas" prevista para o Ano do Jubileu (Lv 25). O novo tempo anunciado por João é a possibilidade, com Jesus, de restauração radical da convivência do povo em sociedade, segundo os ideais da igualdade e da justiça. Para isso é que se prevê a "imersão" (batismo) no Espírito Santo. Será como passar pelo fogo (Mt 3, 11; Ml 3,2) que purifica e destrói, para que algo de novo possa surgir. Essa novidade era o que se esperava desde o fim do exílio em Babilônia e é dela que falavam profetas e profetisas no grupo de discípulos de Isaías (Is 40 a 66). (SAGS)